



CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Cinemateca Júnior
Palácio Foz – Praça dos Restauradores

GIRL SHY / 1924

Um filme de Fred C. Newmeyer

Realização: Fred C. Newmeyer; Sam Taylor / **Argumento:** Sam Taylor; Ted Wild; Tim Whelan / **Diretor de Fotografia:** Walter Lundin / **Montagem:** Allen McNeill / **Produtores:** John L. Murphy / **Atores:** Harold Lloyd, Jobyna Ralston; Richard Daniels / **Produção:** Harold Lloyd / **Cópia:** digital / **Duração:** 87 min / **Estreia Mundial:** 20 de abril de 1924



Sessão acompanhada ao piano por Joana Rolo

Harold Lloyd é hoje um ilustre desconhecido para grande parte do público, mas nos anos vinte do século passado fazia parte do “Olimpo” da comédia burlesca, ao lado de Chaplin, Buster Keaton ou Harry Langdon, também este, actualmente, um distinto desconhecido. Lloyd estreou-se cedo no cinema em 1913, ainda antes de Chaplin (1914) e cinco anos antes de Keaton (1917). Fixou-se pela primeira vez na película como figurante em **The Old Monk’s Tale** (1913), na pele dum índio Yaqui. Bastaram dois anos para se destacar no universo das “two reels” (designação corrente à época para as curtas-metragens de duas bobinas) com o personagem do «Lonesome Luke», conhecido em Portugal como o “Liró”. Em 1917, nasce o jovem otimista de óculos redondos e chapéu de palhinha que ficou conhecido entre nós exactamente por “o Palhinhas”. É este “Palhinhas” que, na década de vinte, transita para as longas-metragens, tal como aconteceu com o vagabundo de Chaplin ou o “Pamplinas” de

Keaton. Embora não conste nos créditos, Lloyd para além de actor teve sempre participação criativa no argumento e direcção dos “seus” filmes. Dizemos “seus” porque cedo se afirma como produtor independente e homem de negócios arguto, o que lhe permitiu continuar a explorá-los após um afastamento prematuro, no final da década de trinta, com a chegada dos “talkies”, os filmes já sonorizados. Em 1953, a Academia atribui-lhe um Oscar honorário pelo conjunto da carreira, reconhecendo o mérito do seu trabalho e trazendo-o novamente à memória dos espectadores. Nos anos sessenta é Lloyd que se resgata ao esquecimento com o lançamento de dois filmes-compilação - **Harold Lloyd's Word of Comedy** (1962) e **Funny Side of Life** (1963) -, um “pot-pourri” dos momentos mais brilhantes dos seus filmes. É sobretudo neste formato “medley” de “gags” que ainda sobrevive na memória de alguns, situação para a qual Lloyd contribuiu com o excesso de protecção que impôs à sua obra, não permitindo, por exemplo, a exibição dos seus filmes na televisão. Para contrariar este imerecido desconhecimento de títulos que devem ser vistos por inteiro, **GIRL SHY** é já a quarta longa-metragem de Harold Lloyd que a Cinemateca Júnior mostra, depois de **Safety Last** (1923), o filme com a mítica cena de Lloyd pendurado no relógio dum arranha céus, **The Freshman** (1925) e **Speedy** (1928).

GIRL SHY é o primeiro filme produzido por Lloyd, depois de ter trabalhado para Hal Roach. É um filme diferente dos anteriores, muito mais uma fita de enredo que o típico filme de “gags”. Também inova em relação à fórmula das comédias românticas da época, onde as mulheres eram sobretudo móbeis de ação, mas não protagonistas de cenas cómicas. Muito menos acrobático e frenético que filmes anteriores, **GIRL SHY** centra-se no jogo de actores entre Lloyd e Jobyna Ralston. E, no entanto, o filme tem uma das sequências finais mais fulgurantes da sua carreira. Agarrem-se às cadeiras, porque o tímido Harold Meadows vai entrar numa corrida desenfreada contra o tempo para impedir o casamento da sua amada.

Carla Simões